

1930
NOVEMBRO

N. 8
ANNO I

SCHOLA

REVISTA
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DO
RIO DE JANEIRO



SUMMARIO

A POESIA NA EDUCAÇÃO — Sra. Maria Eugenia Celso.
RATZEL E A GEOGRAPHIA MODERNA — Prof. F.
Raja Gabaglia.

NOTAS E INFORMAÇÕES:

Exposição de literatura infantil.

Prof. E. Claparède.

Literatura pedagogica.

Homenagem ao Dr. Euclides Roxo.

Circulo de Paes e Professores em Natal.

Bibliothecas rotativas no Espirito Santo.

Numero avulso. . . 2\$000

Assignatura annual 20\$000

PEDE-SE PERMUTA
UN AUSTAUSCH WIRD GEBETEN
SE SOLECITA LO SCAMBIO
WE PRAY PERMUTATION
SE SOLICITA EL CANJE
ONDEMANDE PERMUTATION

Associação Brasileira de Educação



Departamento do Rio de Janeiro

Caixa Postal n. 1471

AV. RIO BRANCO 52-2. - Telaph. 2-3994

DIRECTORIA:

PRESIDENTES

DR. FLAVIO LYRA DA SILVA
DR. MIGUEL ARROJADO LISBOA
DR. FERNANDO MAGALHÃES
DR. ARTHUR MOSES

SECRETARIA GERAL

D. LUCIA MAGALHÃES

1.º SECRETARIO

DR. CARLOS DE QUEIROZ

THESOUREIRO

DR. ARACY MUNIZ FREIRE

2.º SECRETARIA

D. ESTHER COSTA

CONSELHO DIRECTOR

DR. C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA
DR. MELLO-LEITÃO
DR. JULIO PORTO CARRERO
DR. MARIO BRITO
DR. SALVADOR FRÓES
DR. NELSON ROMERO
D. LAURA XAVIER DA SILVEIRA
D. CARLOTA B. O. LYRA DA SILVA
D. ANNA AMELIA C. DE MENDONÇA
D. LUCIA MIGUEL PEREIRA
D. VERA DELGADO DE CARVALHO
D. MARIETTA CASTRO E SILVA
D. LAURA LACOMBE
D. CLOTILDE MATTA E SILVA
D. EVA HYDE

DR. CARLOS DELGADO DE CARVALHO
DR. O. B. DO COUTO E SILVA
DR. OTHON LEONARDOS
DR. EDGARD S. DE MENDONÇA
DR. EUCLYDES ROXO
DR. EVERARDO BACKHEUSER
DR. BELISARIO PENNA
DR. GUSTAVO LESSA
DR. F. VENANCIO FILHO
DR. JULIO CRUZ AZEVEDO
D. ALICE CARVALHO DE MENDONÇA
D. ARMANDA ALVARO ALBERTO
D. ZELIA BRAUNE
D. CONSUELO PINHEIRO

PRESIDENTES DE SECCÕES

ENSINO PRIMARIO — D. Consuelo Pinheiro
ENSINO SECUNDARIO — Dr. C. A. Barbosa de Oliveira
ENSINO NORMAL — Dr. Erasmo Braga
ENSINO DOMESTICO — D. Cassilda Martins
ENSINO PROFISSIONAL — Dr. Salvador Fróes
ENSINO TECHNICO E SUPERIOR — Dr. Mario Brito
EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA — Dr. Everardo Backheuser
EDUCAÇÃO PHISICA — Dr. Jorge de Moraes
HYGIENE — Dr. Gustavo Lessa
COOPERAÇÃO DA FAMILIA — D. Laura Xavier da Silveira
DIVERTIMENTOS INFANTIS — D. Maria Luiza C. de Azevedo

COLLEGIO BENNETT

MARQUEZ DE ABRANTES, 55

Uma educação moderna para meninas

Cursos : prim rio, complementar, madureza — 11 annos ao todo

Especialidades :

ECONOMIA DOMESTICA, EDUCAÇÃO PHYSICA
BELLAS ARTES, CURSO NORMAL

Predio esplendido com magnifica installação

Internato e externato

EVA L. HYDE, Directora.

ZELEMOS O QUE É NOSSO

PARA NADA PERDER NEM ESTRAGAR CUM-
PRE ARCHIVAR.

O ARMARIO COMPLETO "PALERMO"
GUARDA COM LOGARES PREVISTOS 280
PEÇAS DE ROUPA E TEM MESA, TOI-
LETTE E COFRE. NÃO CUSTA MAIS CARO
FIADO ! QUITANDA, 72

A POESIA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Maria Eugenia Celso

Foi realmente uma inadvertência, senão uma imprudência, da parte de D. Vera Delgado de Carvalho, confiar a uma poetisa o cuidado de vos vir falar da poesia na infância.

A' primeira vista a indicação pareceria, innegavelmente, das mais apropriadas. Se-lo-ia com effeito si se tratando apenas da poesia da infância, esta poesia de que não é preciso ser poeta para lhe apprehender e, elevadamente, lhe sentir toda a divina irradiação. Basta ser pai.

Se comprehendí todavia, o convite que em nome da Cooperação da Família me foi feito, trata-se aqui não de uma variação mais ou menos poetica sobre o que possa haver de poesia immanente em todas as infancias e das observações que sobre tão fecundo thema pudesse eu apresentar, mas antes de poesia applicada, por assim dizer, de poesia aproveitada e ageitada ás necessidades das crianças modernas, de poesia pedagogicamente encarada em summa.

Este feitiço pedagogico é que me assusta um pouco, porquanto, um poeta bem poeta nunca se sentirá completamente á vontade nesse tom de lição, que lhe tolhe em axiomas doutrinarios o dom primordial, este dom de fantasia e devaneio, sem o qual não poderia haver poesia no mundo. Foi esta razão que me fez considerar uma imprudencia da vossa parte a escolha de uma poetisa para tão especializada incumbencia. O amor de sua arte, o vicio do "metier" hão de fatalmente arrasta-la a fazer da poesia um panegyrico exagerado e de exaltar, talvez com excesso, as vantagens do seu cultivo. O espirito do seculo não é infelizmente de poesia. Se os poetas não são tão mal vistos como nos tempos em que Scarron revidava a alguém que, desdenhosamente, chamára de doidos todos os poetas:

"Je suis d'accord avec vous
Que tous les poetes sont fous,
Mais puisque poete vous êtes,
Tous les fous ne sont pas poetes'

Não se póde, em verdade, considerar o nosso seculo, por mais doido que não raro se nos afigure, como propicio a esta delicada manifestação de sensibilidade e de imaginação que é a poesia. Vivemos num tempo em que a palavra efficiencia se tornou como o **leit-motiv** de todas as possibilidades de realização. O espirito pratico domina e vence. Só o que é positivo e realista, o que é susceptivel de render e de render no sentido de lucro material, é que interessa e apaixona. A lyra passou de moda. E os modernos Orpheus quando pretendem seduzir, convencer ou conquistar, não recorrem mais ao lyrisimo de harmonias celestiaes e sim á musicalidade, menos harmoniosa por certo, mas muito mais perturbadora, de um tilintar de dollars ou de libras. Estamos na éra da machina. A tendencia é de "standartizar" todas as producções humanas.

A commercialização das profissões, até das mais intellectuaes, faz com que á creança só se pense em ministrar uma educação forte, solida, pratica, uma educação e uma instrução graças ás quaes, respeitadas as inclinações preponderantes da sua personalidade, possa ella vir a tirar no futuro o rendimento indispensavel. Ora, a poesia, presentemente, não rende. Terá ella jamais rendido, financeiramente falando, em tempo algum? . . . Se ha mercadoria de que a venda seja mesmo tudo quanto possa haver de mais aleatorio, é a de uma obra puramente poetica. Devido a esta crescente desvalorização do producto poetico, é que a poesia cedeu o lugar á intensificação da cultura *physica* nos modernos programmas educationaes. Ninguem verdadeiramente se occupa de dar ao cultivo o lugar que merece nem sequer de conservar-lhe a tradição. E, no emtanto, nunca talvez fosse ella mais necessaria e nunca a sua alta e purificadora influencia mais beneficamente pudesse actuar. Na dureza dia a dia mais implacavel das competições da **struggle for life** em que, tanto para os homens como para as mulheres, tão arduo se vai offerecendo o problema economico de viver, a faculdade de saber fazer brotar da aspera realidade essa **petite fleur bleu** de tão suave perfume, por vezes, constitue um verdadeiro tonico moral. Asphyxiado de realidades nem sempre consoladoras, o homem sente a necessidade de uma evasão reconfortante. Nenhuma lhe será mais intimamente salutar do que a poesia. Os modernos educadores prescrevem, todavia, como inutilidade nociva e enfraquecedora de energias latentes, o cultivo da imaginação,

abolindo como vehiculadora de absurdos e tolices a interferencia do maravilhoso na formação da intelligencia infantil. Valendo-me do meu privilegio de poeta, não obstante correr o risco de contrariar talvez dest'arte regras fundamentaes de pedagogia hodierna, ousou declarar que o absurdo está no erroneo absolutismo desta asserção. A creança vive no imaginario e no maravilhoso como no seu elemento natural.

A linha de fronteira, tão demarcada para nós, adultos, entre o real e o ficticio não existe para as creanças. Nós sabemos os limites das nossas humanas possibilidades, ellas nem sabem que trazem consigo o illimitado.

A infancia não conhece as barreiras que a razão e a vida tão oppressivamente ás vezes nos fazem sentir. Pela sua clara e candida ignorancia tudo fica no mesmo plano do possível.

Afranio Peixoto, esse tão enternecido amigo dos pequeninos, escrevendo um dia sobre creanças disse que:

“Desenvolver a imaginação” não impede o desenvolvimento do outras funcções psychicas. A attenção tão movel da creança é ahi presa pela imaginação que se fixa. Os pequenos ouvintes de contos interessantes bebem as palavras do contador sem fadiga, com delicia”.

E mais longe :

“A imaginação é a mestra do erro e da falsidade” disse Pascal. Mas se a imaginação é mentira, é tambem poesia e ajuda a viver. Se é falsidade, é tambem aspiração e nos leva a sonhar”.

A creança é, por via de regra, essencialmente imaginativa.

Ignorando tudo, inventa, cria, constróe com os elementos de realidade que possui um mundo a parte onde vive ao mesmo tempo que no mundo real.

E como poeta, quer dizer na origem grega creador, toda creança tirando de si propria e criando o seu pequeno universo ideal, faz poesia sem saber, como tambem sem saber fazia prosa o burguez de Molière. O que é preciso é não abafar, não aniquilar nella esta preciosa faculdade creadora. Cobi-la, canalisa-la, refreiar-lhe os excessos, mas não destrui-la.

Nos Estados Unidos, o paiz do espirito pratico onde se ufanam os yankees de bater os records mundiaes, é tambem tão grande o surto de idealismo regenerador, que já se vai cuidando de introduzir na educação infantil esse elemento

espiritualizante de poesia, para contrabalançar talvez os excessos materialistas deste mesmo famoso espirito pratico.

Contou-me o professor Dr. Carlos Delgado de Carvalho que na sua recente viagem á America do Norte, foi-lhe dado assistir a uma aula curiosa na qual, enquanto tocava e cantava a professora, improvisavam os alumnos em gestos e movimentos collectivos o rythmo que lhes suggeriam a toada e as palavras da musica. Um verdadeiro exercicio de melodia mimica. E, como poesia e musica são irmãs gêmeas no terreno da arte, era uma authentica lição de poesia animada de que aquellas creanças se iam assim habituando a penetrar e exteriorizar rythmicamente o sentido subtil.

Na intacta fremencia da sua sensibilidade, a creança se acha permanentemente aberta a todas as impressões poeticas que, por ventura lhe impressionem a tela ainda nova da imaginação.

Trechos de paysagens, echos de musicas, historias de fadas, estrophes de poemas, tudo isto é absorvido pela sua pequenina intelligencia, repercutindo profundamente sobre a sua carreira e quiçá a sua vida de adulto.

Todo homem não passa, segundo a theoria freudiana, do producto natural de sua infancia. E' um facto comprovado que em toda existencia dos grandes escriptores ou dos grandes poetas as impressões poeticas da infancia fóram as que mais poderosamente incentivaram, se não determinaram, a vocação artistica latente.

Ainda agora, nas festas do centenario de Mistral, esse poeta que nada mais quiz ser senão poeta, relatando episodios pittorescos de suas memorias, accentuaram os seus historiadores que Mistral attribuia ao encantamento da sua infancia toda cheia do rechinar das cigarras de Provença e aquecida ao sol deste **Midi**, de que elle soube tão bem cantar mais tarde a colorida poesia, a sua vocação para as letras.

—“Foi por causa das historias que me contava minha mãe nos longos serões do nosso **mas** de Maillane, que me veio a vontade de contar historias tambem”.

E como o ressuscitador do **fellibrige**, o bardo virgiliano de Mireille, são innumeraveis os artistas que na poesia da infancia para sempre se abeberaram de sonho fecundo e de fantasia constructora.

Alphonse Daudet, nas paginas de um de seus mais primorosos estudos humanos, hoje um pouco esquecido, **Le petit Chose**, descreve como ninguem esse extraordinario predomínio da imaginação no mundo interior infantil.

Da sala de jantar da casa de Lyon, onde residiu algum tempo a familia de Daudet, pois **Le petit Chose** não passa de uma autobiographia fantasiada, haviam feito Jacques e o Petit Chose, os dois heróes do romance, a ilha de Robinson Crusóe. E tão intensa, tão profunda, tão completa era a integração dos dois garotos no ambiente desta ilha imaginaria, que avançavam furiosos contra a criada incauta, que vinha botar a mesa, vendo nella verdadeiramente o selvagem inimigo fazendo irupção nos seus dominios.

Religião! Religião! poema em doze cantos, haviam elles escripto sobre a capa de um caderno novo. Essa obra estupenda, destinada a lhes angariar a gloria de um Dante e a fortuna de um Créso, nunca passou da pompa de titulo. O caderno ficou em branco.

Foi, no emtanto, o mais bello poema que jamais poderiam ser escripto, pois foi o poema que só escreveram em imaginação. "**Les meilleurs vers sont ceux qu'on ne finit jamais..**

Ainda neste character da imaginação superando a realidade na vida mental da creança, tem Maurois no seu **Meïpe**, paginas de agudissima verdade psychologica. **Meïpe** é o mundo ideal, o paiz de sonho, creado por uma menina como refugio contra todas as occurrencias fastidiosas que lhe atropelavam a pequena vida infantil. Um mundo onde não se aprendiam lições aborrecidas, onde só se comiam os pratos de que se gostava, onde não havia reprimendas nem castigos, um mundo maravilhoso onde a gente só fazia o que muito bem entendia. Como vêdes, um mundo absolutamente ideal!...

Pois era nesta especie de Chanaan imaginaria, da qual se fizera a soberana, que a pequena se confinava numa evasão libertadora dos aborrecimentos e imposições da sua regrada existenciuzinha de collegial.

Era, dentro da vida quotidiana, a secreta represalia de uma outra vida, ignorada de todos, independente e melhor.

São as miragens da imaginação. E é geralmente por um choque qualquer, um **trauma** desta imaginação que as impressões da infancia se prolongam em nós pela vida em fó-r em resonancias infinitas de poesia. Na sua historia de La

martine, Paul Hazard accentua a influencia capital exercida sobre a formação lyrica do grande poeta, pelo ambiente romantico do castello em que nasceu e a mãe mais romantica ainda.

Nas paginas tão vivas de suas memorias quanta vez igualmente não se refere Goethe ao raio de sol que foi, na austeridade de seus primeiros annos, a Senhora Conselheira, esta joven mãe um pouco estouvada, que cantava, ria, tocava piano, dizia versos, animando com sua alegria de passaro artista a estreiteza melancolica da gaiola familiar.

Quem não sabe de cór os versos tão bellos em que Guerra Junqueiro “lá de sua distante e encantadora infancia” nos evoca a impressão poetica, recebida em creança, e immortalizada neste painel de incomparavel poesia:

“Minha mãe! Minha mãe! Ah! que saudade immensa
Do tempo em que ajoelhava a orar ao pé de ti.
Cahia branda a noite e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era hora em que já sonre o feno das eiras
Dormia quieto o manso e impavido labréu.
Vinham-nos da montanha a canção das ceifeiras
E a lua branca, além, por entre as oliveiras
Como a alma de um justo ia em triumphos aos céos.
E, mãos postas ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alivio a cada soffrimento
Que mandasse uma estrella a cada escuridão!

Ditosos aquelles que têm como o bardo dos “Simples” essa estrella—a Poesia—brilhando com um clarão de promissora eternidade em meio ás cousas tristes, incompletas e ephemerias do mundo! . . .

As creanças lhe sentem de instincto o mysterioso influxo.

Sei de uma garotinha que ante a nostalgia de um lindo céo crepuscular, suspirou num desalento maior que os seus quatro annos: —“mamãe tou triste. . . O dia tá ficando preto. . .”

Saberá ella deveras o que é tristeza? . . .

O certo é que resentiu, como gente grande, esse indefinida sensação de melancolica poesia da hora vespéral. Um dos maiores elementos de poesia, aliás, na vida das creanças está nesta extrema receptividade de sensações ante os espectaculos, para ellas ineditos, da natureza.

E tenho para mim que o papel do educador, se lhes quizer desenvolver a intuição poetica, está justamente em lhes in

culcar este amor da natureza, este senso da paisagem que lhes proporcionará mais tarde as suas mais finas e mais puras emoções de poesia. Quantos homens ha que passam pela vida cegos ao scenario da propria vida !... Porque, embora a tenha chamado, não sem razão, um poeta "a grande indifferente", a natureza será sempre o maior factor de poesia de que possa dispôr a vibratilidade da nossa fantasia.

As creanças são naturalmente sensiveis ao bello ou ao terrivel das suas variações. Está nas nossas mãos tornar-lhes esclarecida e requintada esta embryonaria sensibilidade.

Na serie adoravel de obras de psychologia infantil: Poum, Zette, Mon petit Trott, Notre Minnie, La petite soeur de Trott, Ma petite Yvette etc., onde os irmãos Margueritte, Pierre Mille, Litchenberger, André Dumas e outros tão fundamente nos fazem penetrar na alma dos seus pequenos heróes, é sempre de deslumbramento ou de receio, em todo caso de surpresa e nunca de desinteresse, a impressão da natureza sobre estes espiritos em formação. Por mais indifferente que ella seja, é dentro della, não o esqueçamos que vivemos a nossa inquieta vida de racionaes, são as suas paisagens que servem de moldura ao quadro de dissabores ou de alegrias que nos impõem o destino.

E em todo livro no qual o homem feito nos relata a época deliciosa da sua primeira infancia, ha sempre um recanto de jardim, uma nesga de praia, a sombra de uma arvore, o affecto humilde de um animal, a fuga limpida de um riacho que lhe ficou na memoria num halo radiante de poesia e de saudade.

Quem não lembrará esse fremito de pittoresco e de aventura que nos assaltava em creança, deante do barco virado onde morava esse velho lobo do mar, de coração tão manso, o irmão de Peggotty, na admiravel autobiographia romanceada que é o **David Copperfield** de Charles Dickens ?... Um barco virado, encalhado nas dunas arenosas de uma **spleenetica** praia ingleza, guardado sempre entre as taboas remendadas do seu casco a ansia do mar alto e a saudade desesperada das passadas viagens... Não ha ninguem, creio, que não trocasse todos os confortaveis bungalows do momento por esta inverossimil e tão suggestiva habitação !... Não ha ninguem, sobretudo, que não conserve num canto illuminado da recordação o desenho de uma casa, menos original talvez do que a que abrigou a orphandade do pequeno Davy, mas não menos querida,

a casa sempre maravilhosa onde a gente foi creança... Assim della nos fala Anatole France nas reminiscencias commovidas de *La vie en fleur*, assim Loti nas scismas nostalgicas do *Livre de La Pitié et de la Mort*, assim Raul Pompeia nas evocações do Atheneu, assim agora Claude Farrere, após o realismo á outrance dos *Civilisés*, regressando por essa *Porte Derobée* que é o ultimo successo litterario de Paris, aos radiosos dias de uma infancia radiosa.

Dir-se-ia que o homem, á medida que se vai adeantando na vida, sentindo perto a penumbra do poente inevitavel, instinctivamente se volta para o sol da sua meninice, afim de haurir no calor e na claridade dos seu brilho de outrora, a coragem de proseguir caminho, pelo mundo irremediavelmente desencantado da sua maturidade.

Toda a poesia de um poeta, nada mais é muita vez do que a revivescencia sublimada das impressões poeticas da sua infancia. Bôas ou más, engraçadas ou tristonhas, todos nós temos as nossas. O achado imprevisto de um retalho de fita, uma flôr murcha nas folhas de um livro de missa, um retrato amarellecido pelo tempo, os accordes de uma esquecida musica, um caderno de collegio, sim um velho caderno de exercicios, sujo, systhetisam por vezes, toda a extincta palpitação da poesia da nossa infancia. Assim, por exemplo, esse que encontrei por acaso entre alguns antigos guardados collegiaes:

MON VIEUX CAHIER

Tu connus soins, égards, sourires
Pauvre cahier que je déchire
D'une main distraite á present,
Tu fus longtemps, je le confesse,
L'object de toute ma tendresse
Mon plus intime confident.

Sur toi pourtant mainte analyse,
Mainte dictée, mainte sottise,
Fut écrite et fut corrigée
Et quand la soeur, juge sévere,
Grondait trop ford la pensionnaire
Pour avoir fait "la dissipée"

Tu comprenais, ami, d'avance
Le gros chagrin dont la violence
Te mouillait de pleurs quelques fois
Mais tu devinais ma joie fière
Lorsque j'avais été premiere
Quand ton papier touchait mes doigts.

Du temps joyeux des babillages,
Des taches d'encre sur tes pages
Tout est fini, tout est perdu
Et tes feuillets, jadis de neige,
Ne savent plus comme au collèg e
Comprendre mon espoir d e u.

Car de cette ame d'ecolier
Que la science, dame austere,
Faisait alors desesperer
Je n'ai pu, sur le papier fade,
Rien garder, oh ! mon camarade
Qu'une copie du verbe aimer...

Numa copia do verbo amar, n o   s o com isto quasi sempre que muita gente tem, na vida, que contentar o seu insatisfeito appetite de ternura? . . . Mas n o chega a ser, pela forma concreta afinal de um caderno, que a poesia da infancia nos resurge de subito  s vezes do esbatimento do passado. Basta um som. Um som ouvido, antanho, no retiro agreste do velho Alto da Serra de Petropolis.

Um som alto, longo, um pouco rouco, sonoro emtanto, acompanhado pelo farfalhar desordenado do matto machucado, e pelo alarido de vozes perdidas, muito longe, na altura. Era o barulho dos troncos de arvore que os lenhadores iam cortar no cimo do morro e que, para poupar trabalho, atiravam do alto, brutalmente, encosta abaixo. No bojo de pedra da montanha as achas batiam, fazendo-o estranhamente resoar, resvalando, em seguida, pela ingreme e convexa superficie em ricochetes desvairados, vinham saltando, rasgar mais abaixo a massa densa do arvoredado que furavam com a impetuosidade de uma bala. Nem sempre eu me decidia a ir ver, entre a queixa farfalhante da folhagem esmagada, a queda vertiginosa dos p os de lenha.

Mas toda a poesia daquelle som, forte e claro, atravessando os ares como um protesto da madeira sacrificada, mergulhava-me num singular, intraduzivel encantamento. Seguia-lhe, suspensa de bizarra emo o, a rapida trajectoria pelo echo das pancadas, o ramalhar do galhame estra alhado, e, finalmente, o baque surdo e definitivo na terra c  de baixo. . . Parecia-me que as achas, batendo na rocha, deviam lhe acordar l  dentro, na compacta estructura, o bando dos gnomos minerais. . . E perdia-me num sonho vago e delicioso. . . Nem todas as crean as, bem sei, ter o esta disposi o quasi morbida para o subjectivismo destas divaga es. Todas ellas, por m, comprehendem, e se embalam e se deixam fasci-

nar pela poesia simples, caseira tradicional das cantigas infantis. Elo encantado entre todas as gerações de creancinhas de um povo, estas cantigas, tão lindamente cantadas sempre, por mães ou por babás,— Ciranda, cirandinha, Cáo ,cáo, balão; Pirolito que bate, bate, Atirei um crav^o nagua e tantas outras, não vos lembrais?...—servem agora de alfabeto, se assim me posso exprimir, nos novos methodos de leitura. Linda maneira de aprender a ler que, tirando a esta tão espinhosa iniciação intellectual toda sua rebarbativa difficuldade, faz commungar ao mesmo tempo a creança com a alma popular da sua raça e da sua terra. E' por estas cantigas, pelas toadas das velhas rodas, pelo recitar de versos apropriados, pela attenção despertada ante a natureza, é que a gente vai semeando de poesia a infancia das nossas creanças. De maneira que, após o haverem cantado sem grande convicção nos annos de puericia, possam ellas mais tarde repetir, num enternecimento de immarsecivel carinho, a velharia immortal:

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
De minha infancia querida
Que os annos não trazem mais...

Não, effectivamente, os annos não a podem mais trazer. Mas o que todos nós podemos, é ressuscitar-lhe, graças ao sortilegio de saudades, de quando em vez, em nós a remota poesia. Toda creança é um poeta que se ignora. Um poeta que a idade se encarrega de ir, a pouco e pouco eliminando. O segredo dos grandes poetas nunca foi outro senão o de conservar, pelo mundo a fóra para as cousas cousas imperfeitas da vida, os olhos maravilhados da creança que fôram...

Nous ne sommes vrais qu'en naissant. E' portanto da espontaneidade sem jaça destas primeiras impressões, da frescura sem par dessa fonte primordial de poesia que nos vem sempre as mais bellas poesias do mundo.

Nós não quereríamos, evidentemente, que todas as creanças viessem a ser grandes poetas, nem sequer simplesmente poetas communs, genero de que ha sem duvida no Brasil uma temerosa superproducção. Só aos privilegiados dos deuses é que está reservado o sagrado exercicio da **grande arte** como religiosamente a chamava Moréas.

Não, não é para fazer dos nossos petizes sonhadores improprios para a acção, visionarios a que a fantasia desencadea-

da oblitere e deturpe o sentido da realidade, que devemos inculcar na infancia o entendimento e o gosto da poesia. Mas o que é poesia afinal?... Poesia... Tão fácil sentil-a e tão complexo encerrar-lhe nas malhas de uma secca definição a magia indefinivell!...

Um nada que é tudo... um tudo que ás vezes vem a ser nada... Permitti que vos dê como explicação, a resposta de uma poetisa, a quem o namorado, homem pratico e bem intencionado, esprobava como um crime de lesa bom senso fazer versos. Poesia, meu Deus! poesia...

Um riso a palpitar no cinzento da tarde,
A estrella que na altura haurillerarios arde
O meigo som de alguma voz
O dia humilde e bom que succede a outro dia
Tudo belleza tem, a tudo tem poesia
Quando a poesia vem de nós.

Quem n'alma um veio tem dessa lympha encantada
Pode, embora lhe negue a sorte na jornada
Da fortuna o regio condão,
Dar o engaste do sonho ao prosaico das horas
A cada hora melhor a pompa das auroras
A' vida o enfeite de illusão!

Pois, poesia não é, segundo o preconceito q
Que nos olhares te deu aquelle féro geito
E' das cousas dobrando e intima a' i,
Ao mundo colorir de sonho e fantasia,
Do ouro bruto, joias fazer.

O espirito, pois, — apavorado aquieta
O amor que a todos faz um bocadinho poeta
Sabe tão bem poetisar
Da vida quotidiana o corriqueiro lance
Que sou capaz de achar ressabios de romance
Em tuas meias remendar!

Não sorrias... Um dia encanto verdadeiro
Venha ao debate achar talvez do quitandeiro,
Graça até em fazer feijão,
Por mais crua a tarefa, e mais rude ou bisonha
Póde sempre vestil-a aos olhos de quem sonha
A poesia do coração.

A poesia do coração... E' desta poesia singela, espontanea, intima, rosa e santa, desta preciosissima poesia ao alcance de todos, que nos cumpre o dever de ensinar ás creanças os abençoados rudimentos. Poesia da casa, poesia da familia, poesia do trabalho quotidiano, poesia do dever aceito, poesia que não é pieguismo por ser quintessencia de sentimento, poesia que não é artificialismo de attitude por ser sinceridade integral, poesia que se resume na posse desse thesouro dos the-

souros: o poder de espiritualizar e de embellezar as cousas feias, prosaicas, e mesquinhas da vida.

E' o grão de loucura da fantasia, a semente de ideal plantada na infancia que ha de germinar, talvez, no futuro em desejo de aperfeiçoamento, sublimação do instincto de arte, amor devotado á belleza.

Se ha uma palavra malbaratada, gasta pelo uso, vilipendiada e, sacrilegamente destituida da sua alta, e luminosa significação, é esta de ideal.

Empregam-na tanto a torto e a direito, e tanto erroneamente lhe applicaram a designação, que uma leve sombra de ridiculo lhe veio, a lento e lento, empanar o crystalino primitivo fulgor. Ninguem hoje em dia ousa falar alto do seu ideal. Nada se faz nunca, porém, sem elle, de grande e de bello na terra.

A poesia na infancia não é, não pode deixar de ser, senão esse germen de idealismo depositado n'alma como pollen na corolla de uma flôr. Os homens, por mais homens que sejam, não passam nunca de creanças grandes. E, quando vão começando a querer ser grandes estas creanças, nessa turva phase da adolescencia em que o instincto tão perigosamente lhes ateia a imaginação, é que é preciso dizer-lhes :

Oh ! vós que ides viver e que olhaes para a Vida
 Detidos inda no limiar,
 Com os olhos deslumbrados do desejo
 E essa alma desmedida,
 Feita só do latejo
 Irresistível de voar...
 Vós que, em face ao mysterio intacto do horizonte,
 Sublevados, sentis
 Essa quente certeza da chegada
 Na terra inviolada,
 Onde, em sombra de valle ou cumieira de monte
 Não se póde deixar de ser feliz !

Vós, que para a promessa incerta do futuro
 Tendes um riso triumphal,
 E ebrios de vida, ardeis pelo enigma da Vida,
 Para que seja vosso o thesouro inseguro
 Que ella a todos garante, e que nega afinal,
 Arrimai a uma fé a vossa alma insoffrida
 E o vosso coração tenha por lemma: o ideal !...

Ideal de amor, ideal de paz, ideal de gloria,
 Seja qual fôr o sonho e qual fôr o trophéo,
 Ou na derrota ou na victoria,
 Ha de vos ser, na terra um reflexo do céo !

E basta, muita vez, este reflexo de céo, para dar a uma falha e desbotada existencia magica belleza e o encanto ineffavel do mais bonito conto de fada.



INSTRUIR DELEITANDO



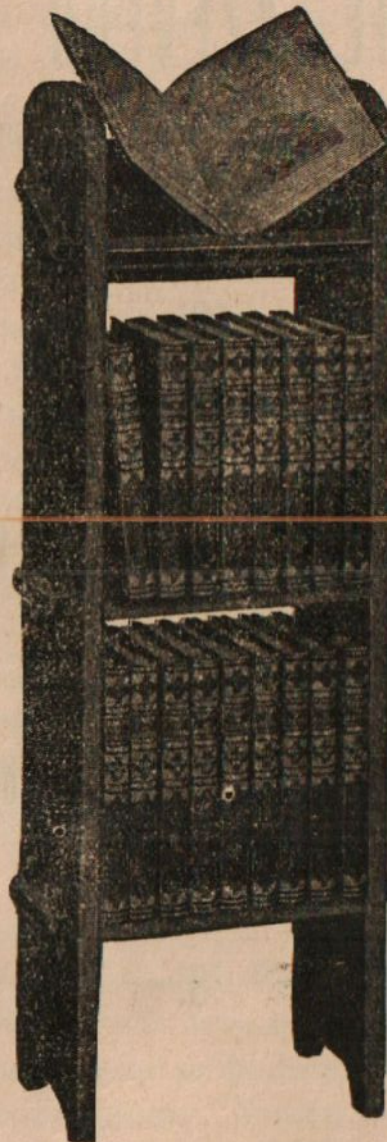
A Melhor Fonte de
Instrução para a Mocidade
é o

THESOIRO DA

Obra dividida em
14
Grandes Secções de
Conhecimentos
18
Magnificos volumes
200
Laminas de cores
5904
Paginas e mais de
6000
Ilustrações instructivas

A Obra completa em
diferentes encaderna-
ções pode ser examina-
da a vontade em nossa
exposição.

A pedido enviaremos GRATIS
aos Paes dos alumnos, o fo-
lheto illustrado desta obra
maravilhosa.



JUVENTUDE

Porque não vemos na
obscuridade ?
Como adquiriram os
pretos a sua cor ?
Que produz o echo ?
Porque pestanejamos ?
Porque despertamos de
manhã ?
O que é que faz ferver
a agua ?
Porque é que nos can-
samos ?

O Thesouro da Juventude
responde a qualquer per-
gunta que uma creança
possa fazer.

Cortar e remetter hoje mesmo

W. M. Jackson, Inc.

Editores

RIO DE JANEIRO

Rua Theophilo Ottoni, 117

Phone 4 - 3037

W. M. Jackson, Inc.

Caixa Postal, 360 Rio de Janeiro

Queira enviar gratis e porte pago, folheto
descriptivo do Thesouro da Juventude".

Nome.....

Profissão.....

Rua e Numero.....

Cidade.....

Estado..... ABE 11-30

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)



166 - Rua do Ouvidor - 166

RIO DE JANEIRO

End. Telegr. ALVESIA -- Caixa Postal n. 658



FILIAES:

Rua Libero Badaró, 49-A

São Paulo

Rua da Bahia, 1052

Bello Horizonte

RATZEL E A GEOGRAPHIA MODERNA

Prof. F. Raja Gabaglia

Fundamentos da Geographia Scientifica --- 'E' da antiguidade classica o debate, sempre renovado sobre a preeminencia entre a terra e o homem. A geographia moderna feriu o problema, precisando a parte que a cada um dos dois elementos cabe nesta indestructivel cohesão, expressão pela reacção mutua da terra e do homem, da natureza e da economia dos paizes.

O estudo das acções e reacções reciprocas da terra e do homem constitue, a bem dizer, o cérne da geographia humana, cujas origens poderiamos ir haurir entre os gregos, retomal-a em Cicero ou em Plinio, entre os romanos. Se proseguissemos, posto não achassemos um corpo systematico de doutrina, todavia encontraríamos o vasto assumpto das multiplas relações entre a Natureza e o Homem versado na Edade Média e chegaríamos á Bodin, á Vatenius e ao egregio Montesquieu, que no livro 18 do seu "Espirito das Leis" é um legitimo precursor da Anthropogeographia. Mas só no seculo 19 se processaria a revolução profunda e definitiva que permittiria a instituição da geographia scientifica e esta revolução teve como guieiros duas figuras, distinctas pelo character e pela actua-actuação, mas que se completaram harmoniosamente. Foram Alexandre de Humboldt e Carlos Ritter. Humboldt, encyclopedico naturalista e viajante; Ritter, professor historiador e philosopho. A Humboldt deve-se o primeiro principio da geographia moderna, o qual se pode chamar o "principio da causalidade" e resumir assim: "Nunca ficar satisfeito com o exame de um phenomeno geographico, sem tentar remontar ás causas que determinam sua extensão e sem procurar suas consequencias".

A' Ritter, e o foi desentranhar desta vasta synthese que é o maravilhoso "Cosmos" de Humboldt,—deve-se a enunciação do segundo principio da geographia scientifica. E' o principio da coordenação geral. "O estudo de um phenome-

no suppõe a constante preocupação de phenomenos analogos que podem apparecer em outros pontos do globo". A applicação deste principio derrubou, para sempre, a muralha que separa a geographia regional da geographia geral e no momento em que foi comprehendido, neste instante nasceu a geographia moderna.

A geographia moderna é, pois, a instituição dos dois genios allemães, ambos fallecidos em 1859, anno fatidico para os estudiosos da sciencia de Strabão.

Os epigonos ampliaram a obra de Humboldt e Ritter nos dominios variados da **Erdkunde**, a geographia concebida como uma sciencia geral da terra, summa de conhecimentos das sciencias astronomicas, geodesicas, geologicas, meteorologicas, biologicas e sociaes. Porém, o desenvolvimento das sciencias, a divisão cada vez mais acentuada do trabalho scientifico levaram os espiritos logicamente a uma especialização e assim do tronco commum promanaram feixes de conhecimentos que se tornam autonomos, com campo restrito e perfeitamente delimitado. Dest'arte surgiu a Geographia Humana que, apesar do consideravel avanço que nos seus dominios tiveram os trabalhos da "Geographia Comparada" de Ritter, só veiu a se tornar autocephala com Frederico Ratzel, uma das figuras mais representativas do pensamento allemão no ultimo quartel do seculo passado.

Ratzel: Sua vida e sua obra --- Ratzel nasceu em Karlsruhe, aos 30 de Agosto de 44 e falleceu, dias antes de completar cincoenta annos, aos 9 de Agosto de 1904, em Ammerland, ás margens do lago Starnberg, na Baviera.

Ratzel foi primeiramente pharmaceutico: entrou, já com alguma idade, nas Universidades e frequentou as de Heidelberg, Iena e Berlim, iniciando a sua actividade pelas sciencias, estudando a Zoologia e a Geologia. A sua dissertação de doutoramento foi sobre assumpto de zoologia, materia que o levou a Montpellier e o fez autor de dois volumes publicados de 73 a 74 sobre o Mediterraneo.

Mas a immortalidade de Ratzel estaria nos estudos de geographia, por elle iniciados após viagens á Europa Meridional e aos Estados Unidos, Cuba e Mexico. Como o seu illustre successor, Albrecht Penck, quiçá o principe dos geographicos da Allemanha de hoje, foi vendo e observando paysagens, povos

e costumes que poude criar uma obra vasta, duradoura e profunda. Muito versou a geographia physica: fiords, lapiez e neve.

Ferido na guerra de 70, perto de Auxonne; jornalista politico, como collaborador do *Kolnische Zeitung*, fazendo-se professor, enveredou logicamente aos estudos sociaes e dest'arte poude erigir o monumento que é a *Anthropogeographia*.

A carreira de professor de Ratzel é resumida em algumas etapas. E' "privat-docent" em 76, logo depois professor do "Technische Hochschule" de Munchen, donde sahe em 86 para Leipzig, em cuja cathedra de Geographia succedeu á Richtofen, onde outrora se assentára Peschel.

A ascensão de Ratzel á Leipzig inicia éra fecunda da geographia contemporanea. Extraordinaria a actividade do grande professor que com Kirchoff, o seu eminente collega de Halle, tem um papel preponderante no Comité Central para o estudo da Geographia da Allemanha, comité que renovou toda a chorographia ou a *Landerkunde*, dando lugar de honra ás pesquisas locaes. Ratzel é o fundador da classica *Bibliotheca* dos Manuaes Geographicos, editados em Stuttgart e a que serviu de Atlas o celebre Berghaus; na collecção, Hann escreve a *Climatologia*, o primeiro volume da *Oceanographia* é de Bogulawski e o segundo de Krummel e Heim escreve sobre as geleiras, Fritsch sobre a *Geologia Geral*, Forel sobre a *Limnologia*, Gunther sobre a *Geographia Mathematica*, Drude sobre a *Botanica* e Penck sobre a *Morphologia*. O seu trabalho como coordenador de tantos espiritos de escol é, realmente, incomparavel. Já, então, (1881) tinha o seu primeiro volume da *Anthropogeographia*. Obra de vigorosa originalidade, abriu novos horizontes á sciencia. Nella, Ratzel viu os homens como realidades occupando a superficie terrestre e desta sendo um revestimento digno de maior estudo e observação, como os vegetaes ou os animaes e viu, ainda, os grupos humanos e as sociedades se desenvolvendo sempre nos limites de um certo quadro natural (*Rahmen*), tendo sempre um lugar preciso do Globo (*Stelle*) e a necessidade, para alimentar-se, subsistir e crescer, dum certo espaço (*Raum*).

A sua *anthropogeographia* é uma vista de conjuncto da Terra (*hologaische Erdansicht*); e o homem é sobretudo terrestre (*Der Mensch ist Landbewohner*).

São interessantissimos os aspectos do seu grande volume

que tem o sub-titulo de "Appliação da Geographia á Historia" e é uma visão dynamica da distribuição do homem e de sua obra na Terra.

O estudo do alto papel dos oceanos é dos mais suggestivos: a historia universal é função dos oceanos que se abrem á navegação do homem. Se Homero chamou o mar infecundo, Ratzel mostra o que de injusto ha na asserção: com quantos bens não regala o mar a humanidade, quer dando os fructos do seu thesouro inestancavel, quer, principalmente, transportando sobre a sua superficie luzente os thesouros de toda a terra, estragando o menos que se pode imaginar seu valor mercantill!

Outro capitulo de relevo é o estudo da floresta, inimiga da expansão do homem, de que é uma prova, por exemplo, o "scrubb" da Australia só vencido, dominado pelo fogo.

Realmente, os desertos, as florestas e os grandes charcos foram effectivamente e ainda são os maiores inimigos da expansão do homem. A derrubada das mattas, a construcção e o deseccamento do solo os eliminam ou os attenuam.

A humanidade está, sem cessar, em estado de fermentação e movimento e á procura do ideal de civilização que é, pode-se dizer, conseguir o maximo de riquezas no menor espaço. Ratzel demonstra essa these, não sem exaggero, mas com erudição espantosa. A cultura intensiva substituindo a extensiva; as conquistas vegetaes e animaes; a utilização das forças naturaes emprestaram a certas regiões de eleição uma população superabundante. Observa-se, o phenomeno onde a industria é nulla, como na China, mas esta superabundancia (Uberwolkerung) é sobretudo um facto nas regiões de grande industria. Dahi, a população augmentar com a civilização. No detalhe, ha divergencias; é o caso, por exemplo, já de povos primitivos que fenecem ao contacto da civilização, já de povos mui civilizados e que não augmentam a sua população e parecem resignados á um estado estacionario (a França).

Um dos capitulos mais fecundos, pelos estudos posteriores que delle promanaram, é aquelle em que Ratzel analysa exhaustivamente as habitações humanas. Já o disseram: Humboldt imaginou photographar a Terra pela vegetação, Ratzel pela anthropogeographia. Ratzel tem paginas soberbas sobre as ruinas (Die Geographie der Ruinen) e sobre a toponymia. E' nestes assumptos, por vezes, um precursor.

Ratzel revela ainda um outro extraordinario mérito no seu livro: trouxe á ethnographia, á estatística e á geographia humana a contribuição constante da cartographia que desde então, por assim dizer, tornou-se inseparavel a qualquer daquellas materias. Deve-se, assim, a Ratzel o terceiro principio da Geographia scientifica e que se pode denominar o **principio da extensão**, assim enunciado: "O methodo geographico consiste em determinar a extensão dos phenomenos sobre a superficie da Terra".

O 2.º volume da "Anthropogeographia", nome criado por Ratze, e publicado nove annos após o 1.º tem o titulo bem expressivo "Die Geographische Veibertung der Menschen". Delle se deduz a idéa fundamental da expansão territorial, isto é, a "sede do espaço", como sendo a mola, por excellencia, de toda a actividade politica.

Mas se a obra prima do grande geographo é constituida pelos dois volumes da Anthropogeographia, não ficam em plano inferior os seus outros numerosos livros. O mais profundo é a "Geographia Politica", cuja 2.ª edição, impressa nos ultimos mezes da vida do autor, tem o sub-titulo de "Geographia dos Estados, do trafego e da Guerra" (Geographie der Staaten, des Werkhers und Krieges).

As concepções da geographia politica ratzelina decorrem de sua idéa de Estado, "uma porção de humanidade num pedaço de territorio organizado", ou, litteralmente "Jeder Staat ist ein Stucc Boden und Menschheit". Os dois elementos integrantes do Estado são pois, a população e o territorio, unidos dentro da relatividade historica de um modo indissolúvel. E o alvo da Geographia Politica terá de ser a explicação scientifica e racional da vida dos Estados, estas entidades que lutam e trabalham sem trégua sobre a face da terra e animados (como os individuos) de appetites de gozo, vangloria e dominio, só contrabalançados pelo instincto de conservação.

Para Ratzel, a geographia politica não considera apenas os Estados mais civilizados apresentando uma forma acabada; mas desce até aos estabelecimentos politicos de forma rudimentar, e é approximando-os das sociedades melhor constituídas que se chegará a determinar as leis de sua evolução geographica. Esta evolução é devida a um duplo processus; um, em virtude do qual o Estado avança ou restringe, se em progresso ou em decadencia, os limites do territorio; e o ou-

tro que tem por effeito transformar este territorio de maneira a pol-o em harmonia com a vida collectiva, de que elle é o **subtractum**. Dois Estados de igual grandeza podem ser desigualmente dependentes de sua base geographica, conforme sua actividade se faz sentir á superficie ou, ao contrario, dependa profundamente da natureza do solo. Assim, um povo agricola está mais fixado ao solo que uma nação puramente commercial ou militar e as fortalezas que guarnecem uma fronteira, as estradas, os canaes, as construcções de todo o genero são outros tantos laços que prendem o Estado ao territorio. O desenvolvimento dos Estados (**Staatenwachstum**) se faz, pois, por dois processos, primeiramente por extensão (**Ausbreitung**) e, a seguir, por consolidação (**Befestigung**) ou enraizamento (**Einwurzelung**), o primeiro tendo por agente essencial o proprio Estado e o segundo a massa da sociedade. A expansão geographica, especialmente politica, tem todos os caracteres distinctivos dum corpo em movimento, cujo fim é sempre a conquista do espaço, para fundar Estados; o nomadismo é o estagio das sociedades onde o laço territorial attinge o minimum de energia.

Ratzel estuda amplamente uma fôrma importante deste movimento, a **circulação**, que tem uma acção especialmente vivificante sobre todas as fôrmas de expansão que, no seu dizer, ella estimula, como o volante de uma machina.

Ratzel, definindo a circulação como: "o movimento no espaço de pessoas e objectos para regiões ou pontos determinados, com o fim de equilibrar pela troca productos e dons naturaes da terra e dos homens", fixa, antes de tudo, a natureza geographica desse movimento. Ponto ou região de partida, ponto ou região de chegada, caminho que os liga, eis, para Ratzel, os tres elementos geographicos immutaveis da circulação. E se toda a via de communicação é susceptivel de aperfeiçoamentos technicos, construcção, material, etc., suas propriedades geographicas subsistem, mesmo quando a pay-sagem, os homens e os objectos transportados passam e mudam, e a lei mais geral da circulação é a de uma fidelidade rigida ás condições geographicas.

Outro capitulo interessante é aquelle em que mostra como o infinito do Oceano estende o horizonte politico; na verdade, em face desta immensidade, as sociedades são levadas a re-

cuar quasi indefinidamente os limites de suas ambições territoriaes. . .

E' assombrosa a actividade de Ratzel. A sua bibliographia causa pasmo e nella figuram desde extensos trabalhos como "As Raças Humanas", traduzido em varias linguas, até pequenas monographias e ensaios. São mais de 24 volumes e 100 memorias e artigos !

Nas "Raças Humanas", posto que inspirando-se no ensino de Ritter, como o seu immortal contemporaneo Elisée Réclus, é um innovador. Ratzel oppõe-se á escola de Bastian, que assenta a ethnographia na psychologia, no "pensamento dos povos" (Volkergehanke) para leval-a á geographia e assim fundou a monographia, tão querida á seus criticos ou oppositores francezes, como os da "Sciencia Social" de Le Play, Edm. Démoulin e Tourville e os da "Morphologia Social", de E. Durkheim. Aliás, para a "Année Sociologique" de 1889-99 escreveu um estudo sobre o "O Sólo, a Sociedade, o Estado", synthese notavel.

Professor, Ratzel foi até ao ensino primario. Em 89, escreveu para as moças uma pequena geographia e vinte annos após, em 98, um livro de Chorographia allemã. O seu ensino oral attrahia; affirma Brunhes ter feito parte de auditorios de mais de 300 ouvintes:

A sua acção de geographo foi mesmo á vulgarização, de que é bellissimo exemplo a sua colossal obra "A Terra e a Vida" (Die Erde und das Leben. Ein vergleichende Erd-

Outro importante estudo da "Politische Geographie" é o que se refere ás fronteiras, primeiro attributo de uma Patria. A principio, as fronteiras eram vastos espaços indeterminados que afastavam e separavam os Estados mas a medida que a população augmentou e as necessidades economicas cresceram e que a civilização se desenvolveu, as zonas foram diminuindo de largura e, em vez de espaços indeterminados, vieram farchas de largura mais ou menos determinada; e, emfim, com o correr dos tempos, essa largura foi continuamente diminuindo, até chegar em nossos dias a ser uma linha. "As velhas fronteiras que eram um espaço vazio evoluíram no sentido de uma precisão cada vez maior da região separatriz até ao eixo de demarcação, que é um traço especial da civilização superior e é o fructo dos progressos da geodesia e da cartographia".

A visão panoramica da geographia politica de Ratzel é

imperialista. Nem poderia deixar de o ser o egregio professor que escreveu, adrede, para a Patria Allemã, o estudo de philosophia politica que só um geographo do seu porte faria tão interessante—“O Mar como fonte de grandeza das Nações”.

No pequeno opusculo são devéras dignas de nota as paginas em que Ratzel resalta que se é sobre a agua que se desenvolve todo o poder maritimo, é sobre o continente que tem este poder o seu ponto de partida e a base de sua acção. Assim depende intimamente da natureza e da forma das terras que tocam o mar e lhe dão accesso. Uma peninsula, avançando pela terra, approximando o povo que a habita da costa que fica defronte, marca por isso mesmo o sentido da menor resistencia segundo o qual se fará necessariamente a expansão maritima.

Outro capitulo interessante é aquelle em que mostra como o infinito do Oceano estende o horizonte politico; na verdade, em face desta immensidade, as sociedades são levadas a recuar quasi indefinidamente os limites de suas ambições territoriaes. . .

E' assombrosa a actividade de Ratzel, A sua bibliographia causa pasmo e nella figuram desde extensos trabalhos como “As Raças Humanas”, traduzido em varias linguas, até pequenas monographias e ensaios. São mais de 24 volumes e 100 memorias e artigos!

Nas “Raças Humanas”, posto que inspirando-se no ensino de Ritter, como o seu immortal contemporaneo Elisée Réclus, é um innovador. Ratzel oppõe-se á escola de Bastian, que assenta a ethnographia na psychologia, no “pensamento dos povos” (Volkergehanke) para leval-a á geographia e assim fundou a monographia, tão querida a seus criticos ou oppositores francezes, como os da “Sciencia Social” de Le Play, Edm. Démoulin e Tourville e os da “Morphologia Social”, de E. Durkheim, Aliás, para a “Année Sociologique” de 1899-1900 escreveu um estudo sobre o “O Sóllo, a Sociedade, o Estado”, synthese notavel.

Professor, Ratzel foi até ao ensino primario. Em 89, escreveu para as moças uma pequena geographia e vinte annos após, em 98, um livro de Chorographia allemã. O seu ensino oral attrehia; affirma Brunhes ter feito parte de auditorios de mais de 300 ouvintes:

A sua acção de geographo foi mesmo á vulgarização, de que é bellissimo exemplo a sua colossal obra “A Terra e a

Vida" (Die Erde und das Leben. Ein vergleichende Erdkunde). E ainda foi á fundação de associações deve-se-lhe a Sociedade de Geographia de Leipzig (Verein fus Erdkunde).

Jovial, amigo dos maiores espiritos do seu tempo (um Ostwald, um Lamprecht, um Wundt), Ratzel foi bem um verdadeiro allemão, filho daquella gloriosa terra que á Humanidade tem dado tantos phanaes; até nos pequenos habitos sempre patenteou a sua raça e o seu genio. Era numa cervejaria, em Leipzig, que uma vez por semana se reunia para trocar com os confrades idéas sobre a sciencia, sobre a geographia, para fazer a **Geographische Abend**...

A Escola Ratzeliana --- Ratzel deixou um corpo numeroso de discipulos e a sua sciencia, a rigor, a descripção dos **oekumenos** (isto é, das regiões habitadas) e a sua representação no mappa—teve as mais amplas perspectivas em Ernst Friederich, Alfr. Hettner, Supan, Schone, Hassert, O. Schluter, Dix, entre tantos outros. Merece menção especial Friederich, o mais autorizado dos discipulos de Ratzel e na Allemanha considerado como talvez o maior de seus continuadores.

A Friederich se deve uma original classificação dos factos de Anthropogeographia a qual não tendo a concepção circumscripta da de Brunhes, a que nos referiremos, não se detem quasi que exclusivamente como Ratzel e muitos de seus discipulos, apenas ao **meio physico**, mas considera tambem o **meio cultural**, isto é, o meio criado pelo proprio homem. No seu trabalho, **Fortschritte der Antropogeophie**, vendo a humanidade como uma propria parte do mundo vegetal e animal, Friederich admite que, por effeito de sua acclimação physica e psychica ao meio ambiente, o homem manifesta e desenvolve uma serie de **adaptações (Anpassungen)**, analogas até certo ponto ás adaptações dos orgãos vegetaes e animaes.

Friederich grupa taes adaptações em tres categorias, a saber: **adaptações somaticas** (as que produziram a differenciação da humanidade em raças e em caracteres raciaes); **adaptações materiaes** (de que derivam a necessidade do vestimento, do repouso e da nutrição: habitação, caça, pesca, pecuaria, agricultura, mineração, industria e commercio); e **adaptações espirituaes** (as que produziram as differenciações

da humanidade pelas linguas, religiões, condições e manifestações sociaes, politicas, scientificas, artisticas, etc.)

A *Anthropogeographia* deve estudar cada categoria destas *Anpassugen* e sob dois pontos de vista: *dynamico* e *estatico*.

Dynamico, indagando o alcance e o valor das influencias que o meio *physico* e o *cultural* exercem sobre a adaptação; e *estatico*, investigando a distribuição especial de cada adaptação em relação com as suas causas. O estudo *estatico* se concretiza mediante as cartas *geographicas*, como as de distribuição de raças, casas e seus *typos*, etc.

A resonancia da obra de Ratzel ultrapassou as lindes da *geographia* e foi até o campo da sciencia politica. Della deriva a **Geopolitica**, criação de um *proselyto*, R. Kjellen, jurista e sociologo sueco e cuja obra capital "*Der Staat als Lebensform*", data de 1916 e foi, com erudição e maestria, applicada ao Brasil pelo illustre Professor Everardo Backheuser. A' corrente da *Geopolitica* pertence, entre outros, Otto Maull, autor de uma recente e substanciosa *Geographia Politica*.

Mas Ratzel iria encontrar éco no mundo inteiro. Impossivel fazer o inventario da *anthropogeographia* contemporanea que, mesmo entre nós, tem inspirado livros de mérito como os "*Sertões*" de Euclides da Cunha, cujas paginas trahem, a méude, o conhecimento da *geographia humana*.

Realmente, a simples enumeração de grandes *anthropogeographos* modernos mostra a influencia decisiva e imperecível da doutrinação *ratzeliana* sobre os destinos da sciencia. Citemos alguns nomes.

Na Belgica, Michotte, professor em Lovaina, na Suissa, Paul Girardin e Charles Biermann; na Italia, Olinto Marinelli, G. Ricchieri e Toniolo; na Tcheco-Slovaquia, Niederle, nos Balkans, Cvijic e na Russia, Woeikof são, todos, inbuidos do Mestre. O mesmo traço indelevel de *ratzelianismo* está em Chisholm, o notavel professor de Edimburgo e autor do monumental **Handbook of Commercial Geography** e em Fairgrieve (**Geography and World Power**). em Fawcett (**Frontiers, a Study in Political Geography**), em Mackinder (**The Regions of the World**), em Fleure (**Human Geography in Western Europe**) em Marion Newbigin, uma victoria do feminismo nos dominios do espirito...

Nos Estados Unidos, ha o livro de Miss Ellen Semple,

Influences of Geographic Environment, de uma enthu-
siastica discipula que pretendendo traduzir a obra do Mestre,
deste não obteve a devida permissão, mas sim o pedido de
adaptal-o aos ensinamentos fundamentaes em lingua ingleza,
o que fez de um modo notavel no livro importante, remate a
outros da mesma autoria, entre os quaes avulta a “American
History and its Geographic Conditions”.

Os estudos de geographia humana alcançam um espan-
toso incremento, nos Estados Unidos, nas ultimas décadas; e
á disseminação das idéas de Ratzel tem tambem correspondido
a vulgarização dos trabalhos de Brunhes, o festejado professor
Francez, cuja obra prima foi traduzida por Is. Bowmann, geo-
grapho de primeira plaina e autor do monumental “The New
World”, summula de geographia politica contemporanea. Ou-
tra figura notavel estadunidense na sciencia geographica é
Ellesworth Huntington, autor de uma série de trabalhos, cada
qual mais profundo, como “The Pulse of Asia”, “The Climatic
Factor”, “Civilization and Climate”, etc., e que, ultimamente,
deu dois livros preciosos: “Principles of Human Geography” e
“Business Geography”. Pode-se dizer que, com os seus coévos,
um Koller (“The Theory of Environment”) ou um Russell
Smith (“Human Geography” e “Industrial and Commercial
Geography”) e mais tantos outros, espalhados pelas numero-
sas Universidades dos U. S. A., Huntington e Bowmann con-
stituem uma “escola americana” de anthropogeographia. Aliás,
não é estranhar tão forte desenvolvimento da sciencia pertencendo o principado da geographia no grande paiz a um W.
Morris Davis, original e profundo.

Para os geographos americanos, “clima” e “capacidade
cultural” são correlatas e a actividade psychica das sociedades
sempre ha de se desenvolver parallelamente á maior “energia
climatica”. O homem primitivo, individualista ao excesso, só
adquiriu os primeiros elementos de civilização sob a influencia
do meio psychico, tendo a intermittencia do clima determinado
a “adaptação” e as “migrações”.

Todavia sem embargo dos aspectos diversos, methodologor-
cos e finalisticos, que caracterizam todos estes geographos e
por vezes o separam de Ratzel, o facto é que todos se vão en-
contrar nos principios capitaes da grande construcção do pen-
sador germanico, tal como num estuario immenso affluem as
aguas vivas das vertentes.

J. Brunhes e a Escola Franceza --- Entretanto, neste movimento victorioso do pensamento hodierno de que resultou a geographia humana, neste, como em tantos outros, coube á França, recebendo as idéas de Ratzel, um papel de incontestada originalidade. A' obscuridade de forma, defeito que um insuspeito como R. Almagia, eminente mestre italiano, aponta quando proclama Ratzel "nella maggior parte delle sue opere scrittore difficile, di pensiero involuto", e ao cunho algo exaggerado de determinismo que se desprende de toda a obra de Ratzel, oppoz a chamada "escola franceza" a elegancia de estylo e a clareza de expressão de seus escriptores e o tom de "possibilismo" que é o centro de todos os escriptos de Vidal Lablache, Brunhes e Camille Vallaux, os tres nomes maiores da Geographia Humana, em França.

Em França, as idéas de Ratzel tiveram nos dois volumes da Geographia Social de Camille Vallaux, "Le Sol et l'Etat" et "La Mer", um vulgarizador e expositor de muita clareza, dotado de uma critica sagaz. Posto que sob a influencia de Ratzel, é indubitavel que do pensador allemão differe Vallaux pelo methodo e pela inspiração, distinguindo-se pelo character objectivo que procura emprestar ás concepções da geographia politica, sem preconceitos mais proprios ao jornalismo doutrinario do que a uma verdadeira sciencia. A evolução de Vallaux vae se accentuando e culmina no seu interessantissimo livro "Les Sciences Géographiques", onde está verdadeiramente emancipado.

O verdadeiro chefe da "escola franceza" é Vidal Lablache (1845-1918) que quasi meio seculo orientou o ensino da geographia no seu paiz, de modo realmente notavel, já como professor e o foi da Sorbonne, já como autor de numerosos trabalhos didacticos, ao lado de algumas obras de folego, quaes o "Tableau de la Géographie de France" e os "Principes de Géographie Humaine", reunidos em volume após a sua morte. Eru-dito, cartographo e historiador, Vidal Lablache foi conhecedor profundo da obra de Ratzel e um dos seus criticos mais penetrantes. Ao campo da anthropogeographia, trouxe uma importante contribuição resaltando o conceito economico e social dos "generos de vida". A 2.^a parte dos seus "Principes", sob o titulo de "Formas da Civilisação" tem alguns capitulos magistraes: os grupos e os meios; os instrumentos e o material; os meios de transporte; os meios de alimentação; os materiaes de construcções; os estabelecimentos humanos, etc. São no-

taveis os artigos sobre a distribuição dos homens na Terra e especialmente os que versam sobre a população da India publicados em 1877 e, de certo modo precursores de um sem numero de congeneres. Contemporaneo de Réclus e Lévasseur é bem o expoente da cultura geographica franceza nos ultimos cincoenta annos.

Em synthese, para Vidal Lablache a essencia das investigações da geographia humana está no estudo dos **factos de interdependencia e de connexidade reciproca**: clima e solo determinam o genero de vida de um certo agrupamento humano; o genero de vida, quando não seja um factor transitorio, mas consolidado por um longo periodo de tempo, determina accentuadas transformações da paysagem vegetal e animal, construindo mesmo aspectos de relevo, etc.

E cabe ainda á geographia humana o exame de todos os factos decorrentes das relações entre a Terra e o Homem e que deixam um traço sobre a propria Terra ou sobre o Homem.

Este ultimo conceito foi levado ao exaggero por J. Brunhes, na sua "Geographie Humaine", obra que se singulariza por um cunho de completa objectividade embora, por vezes, falha pela aspiração de reduzir á classificação a variedade multiforme dos factos anthropogeographicos.

Brunhes foi professor na Suissa, em Lausanne, e nesta Universidade fundou a primeira cadeira de "Geographia Humana", em 1907; em 1912, passou para o Collegio de França, cuja cadeira de Geographia Humana tambem inaugurou. Professor eloquente, viajante e observador, Brunhes fez uma obra que desafia a patina dos tempos. Como Ratzel, estreou pela geographia physica, estudando a "Irrigação, suas condições geographicas, seus modos e sua organização na Peninsula Iberica e na Africa do Norte" e tambem publicando uma interessante monographia sobre "A tactica dos turbilhões".

Mas nestes primeiros trabalhos, antecedidos por um pequeno estudo sobre o "Homem e a terra cultivados", impresso em 1900, já se presente em Brunhes a paixão pelos estudos da geographia humana.

Além do seu grande livro e do opulento volume que em collaboração com Vallaux escreveu, "La Geographie de l'Histoire", deve-se á Brunhes dois grandes tomos da "Historia da Nação Franceza", de G. Hanotaux, onde avulta a sua extra-

ordinaria capacidade de analyse no apurar todos os problemas da geographia anthropica na França.

Na "Geographie Humaine", Brunhes subordina a sciencia aos dois principios da **actividade** e da **connexidade** e faz o agrupamento dos **factos essenciaes** da geographia humana dentro dos moldes de sua celebre **classificação** que é uma verdadeira vista de conjuncto.

Para Brunhes, existem a) **os factos de occupação improductiva do solo** (casas; cidades; caminhos; vias de comunicação); b) **os factos de conquista vegetal e animal** (as culturas; criação, etc.); e c) **os factos de economia destructiva** (minas; devastações vegetaes; caça e pesca, etc.). A esta terceira serie de factos, os allemães denominam "rapina economica." (**Raubwirtschaft**),

E' uma classificação, hoje classica e commoda, posto que se preste a criticas, como, por exemplo a de parecer absurdo chamar uma estrada de ferro ou uma usina de "occupação improductiva do solo" ou de ver numa pedreira apenas o lado destructivo da materia, o gasto do stock natural.

A' semelhança da "escola ratzeliana" que tantos nomes eminentes deu as letras allemães da de Vidal Lablache derivam nomes, como os de Emm. Martonne; L. Gallois; A. Démangeon; Augustin Bernard; Raul Blanchard; J. Lavainville; F. Maruette e quantos mais? De um delles, Pierre Denis, temos dois livros versando sobre o Brasil, um recente, e é o excellente volume da America do Sul na Grande Geographia Universal de Vidal Lablache—L. Gallois e outro mais antigo, é um pequeno, mas valioso ensaio, "Le Brésil au siècle XX", já merecidamente traduzido.

E', pois, uma pleiade de geographios notaveis. E licito é concluir que se o fundador da "escola franceza" foi Vidal Lablache, Brunhes, ha dias prematuramente fallecido, foi o seu grande coordenador.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Exposição de Literatura Infantil

Está marcada para 18 do corrente a abertura da 1.^a Exposição de livros para a infancia e sobre a infancia, organizada pela A. B. E.

Para essa realização, que é um dos pontos integrantes do programma da Associação, foi escolhida esta data, anniversario da morte do illustre fundador da A. B. C., Heitor Lyra. E' tambem uma oportunidade de manifestarmos a nossa satisfação de educadores pela inauguração do novo edificio da Escola Normal.

Nessa Exposição não teremos apenas livros para leitura de creanças, senão tambem os que tratam de creanças e se destinam aos educadores. Em secções differentes se encontrarão obras didactivas, pedagogicas, recreativas e de cultura ao lado de revistas especializadas e de publicações referentes á organização de leituras; num quadro, o projecto de bibliotheca infantil (nos moldes das fundadas pelos americanos no seu paiz e no estrangeiro, como "L'Heure Joyeuse", de Pariz e Bruxellas), que imaginamos para o Rio de Janeiro; noutros quadros, o resultado do nosso segundo inquerito sobre o que tem os collegiaes cariocas. Finalmente, tentaremos expôr todos os livros indicados em nossa "Bibliotheca para creanças e adolescentes", e que prefazem o total de 687 obras.

Para encanto dos apreciadores, estímulo e fonte de sugestões aos que escrevem ou editam literatura infantil, pedimos a outros povos nos mandassem o que de melhor têm publicado no genero. Dos Estados Unidos, do Mexico, de Cuba, do Uruguay, da Colombia, já nos chegou numerozo material por intermedio e obsequio do Ministerio do Exterior.

As casas editoras do Rio e de S. Paulo tambem estão nos enviando seus livros e catalogos. A não ser, porém, a Directoria de Instrucção de Goyaz, as demais, dos outros estados, ainda não attenderam ao nosso appello, enviando para a Exposição as obras adoptadas no seu ensino publico.

A A. B. E.,— a cuja iniciativa se deve a presença de cerca de uma centena de livros brasileiros na Exposição Permanente de Livros Infantis na séde do **Bureau Internacional d'E'du-**

cation—levará, de certo, a bom exito, esta realização, que é uma de suas mais bellas aspirações.

Professor Edouard Claparede

Chegou ao Rio a 13 de Setembro o professor Edouard Claparede, da Universidade de Genebra, na Suissa. Legítimo representante da cultura europeia, o notavel educador suiso é hoje conhecido no mundo inteiro pelos seus trabalhos sobre psychologia. O seu livro "Psychologie de l'enfant et pedagogie experimentale" é um dos classicos no assumpto, e está traduzido em allemão, inglez, italiano, hespanhol, etc. Da sua cathedra na Universidade de Genebra elle irradia para diversos paizes não só o resultado das pesquisas experimentaes feitas em seu laboratorio, como a summula dos melhores esforços feitos no estrangeiro. Como versadeiro cientista, não admira somente as verdades por si descobertas, e está attento a todas as correntes novas da educação, venham de onde vierem.

A sua mais bella obra talvez seja o Instituto J. Jacques Rousseau, fundado por elle em 1912 e posto sob a direcção do professor Pierre Bovet. A respeito dessa escola, diz o conhecido educador Sr. Adolpho Férriere: "Não ha outra que, simultaneamente, forneça uma somma tão consideravel de trabalhos e de estudos no campo de psychologia experimental pura, e forme educadores tão solidamente armados para a vida, tão seriamente preparados para uma pratica lucida e perspicaz."

O professor Claparede veiu com o fim de conhecer o Brasil, sobre o qual lhe fizeram entusiasticos refferencias as suas collaboradoras de Genebra, Sras. Helene Antipoff e Artus Perrelet, hoje professoras contractadas na Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte.

Durante a sua estadia no Rio, fez, sob os auspicios da Associação Brasileira de Educação, uma serie de conferencias sobre questões de psychologia applicada, cujos resumos serão opportunamente publicados pela Schola.

Literatura Pedagogica

Anualmente, a American Library Association e o Journal of the National Education Association publicam, após minucioso estudo, uma lista dos mais importantes livros sobre pe-

dagogia apparecidos durante o anno. Dentre os 575 publicações deste genero apresentadas ao publico em 1929, destacam-se, segundo a opinião de duzentos especialistas em todos os ramos de sciencias educacionaes, 60 livros que são citados e commentados resumidamente no numero de Abril do "Journal".

E' interessante notar os assumptos mais procurados: a grande proporção de livros acerca do custo e do rendimento da educação reflecte a preocupação do publico. Por outro lado, poucas obras estão sendo, nestes ultimos annos, consagradas ao "curriculum". O maior contingente é no entretanto representado pelas publicações de relatorios technicos, considerados como os mais proveitosos para o mestre e por conseguinte para o alumno. Os manuaes de utilidade immediata para professores são especialmente apontados.

Julgamos prestar um real serviço aos nossos leitores transcrevendo aqui a lista official de 1929, subdividida em secções, tal como vem no "Journal of the National Association", onde poderão encontrar informações mais detalhadas sobre cada um dos livros indicados.

Historia, Principios e Philosophia da Educação—DEWEY, J.—The sources of a science of education. GIDDINGS, F. H.—The mighty medicine; superstition and its antidote—a new liberal education. KANDELL, I. L.—Educational year-book of the International Institute of Teachers College, Columbia University. KLAPPER, P.—Contemporary education, its principles and practices. KNIGHT, E. W.—Education in the United States. PROSSER, C. A and ALLEN, C. R.—Have we keep the faith? America at the cross-roads in education. THORNDYKE and GATES—Elementary principles of education.

Administração e direcção—BURTON, W. H.—The supervision of elementary subjects. HECK, A. O.—Administration of pupil personnel—a book on pupil accounting written from the point of view of the class-room teacher. JOHNSON, M. H.—The dean in the high school: a record of experience and experiment in secondary schools. MOEHLMANN, A. B.—Public school plant program. NATIONAL CONFERENCE OF SUPERVISORS AND DIRECTORS OF EDUCATION—Second Year-Book—Scientific Method in supervision. NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION—Eight year-

book of the department of elementary school principals. RAINY, H.—Public school finance. REEDER, W. G.—The business administration of a school system. SMITH, H. P.—Business administration of public schools. STONE, C. R.—Supervision of the elementary school. HUL, W. L.—The supervision of secondary subjects. WRIGHT, J. C., and ALLEN, C. R.—Efficiency in education.

Curriculum—HOPKINS, L. T.—Curriculum principles and practices.

Formação do caracter—CLEVELAND, E.—If parents only knew—a message from teachers to parents telling what the modern school is doing for the child and how the home can help. GERMANE, C. E.—Character education—a program for the school and the home.

Psychologia educacional—BODE, B. H.—Conflicting psychologies of learning. BROOKS, F. D.—The psychology of adolescence. PINTNER, R.—Educational psychology.

Tests—RUCH, C. M.—The objective or new-type examination: an introduction to educational measurement. ZACHRY, C. B.—Personality adjustments of school children.

Methodos de ensino—BURTON, W. H.—The nature and direction of learning. CHARTERS, W. W. and WAPLES, D.—The commonwealth teachers-training study. PALMER, A. R.—Progressive practices in directing learning. COLEMAN, A.—The teaching of modern foreign languages. GRAY, M. D.—The teaching of latin. LYMAN,—Summary of investigations relating to grammar, language and composition. MEARNS, H.—Creative power. CLARK, OTIS, and HATTON—First steps in teaching numbers. CRAWFORD, C. C.—Modern methods in teaching geography. KINBALL, R. S.—Current—events instruction—a text-book of principles and plans. MATHIAS, M. E.—Art in the elementary school. THORNE, A.—Music for young children. WHITFORD, W. G.—An introduction to art education.

Jardins de infancia, escolas elementares—BLATZ, W. E., and BOOT, H.—Parents and the preschool children. FOSTER, J. C. and MATTSON, M. L.—Nursery school procedure. MOSSMAN, L. C.—Principles of teaching and learning in the elementary school.

Junior High School—COX, P. W.—The junior high

school and its curriculum. Mc. GREGOR, A. L.—The junior high-school teacher.

Orientação profissional—BREWER, J. M.—Cases in the administration of guidance. COHEN, I. D.—Principles and practices of vocational guidance. KITSON, H. D.—Commercial education in secondary schools. TRUMBULL, F. M.—Guidance and education of prospective junior wage earners. WRIGHT, J. C. and ALLEN, C. R.—Efficiency in vocational education.

Educação physica e hygiene—COBB, W. F.—Values and methods in health education. KEENE, C. H.—The physical welfare of the school child. STACK, W. J.—Safety education in the secondary schools. TANNER, J. R.—A game program in physical education.

Educação superior—GOOD, C. V.—Teaching in college and university. MC. KOWN, H. C.—School clubs.

Educação de adultos—FRIESE, J. F.—The cosmopolitan evening school. GRAY, W. S. and MONROE, R.—The reading interest and habits of adults.

Esta é a lista completa publicada pela maior associação educacional de um povo que compreendeu, pratico como é, que no cuidado sempre e sempre crescente consagrado á educação está a segurança da grandeza do seu destino. Quando poderemos nós, no Brasil, orgulhar-nos de uma serie de publicações que se approxime desta?...

Homenagem ao Dr. Euclides Roxo

Numa das ultimas sessões da A. B. E. foi unanimemente approvada e mandado dar larga publicidade por indicação do Dr. Barbosa de Oliveira á seguinte proposta apresentada pelo Prof. Everardo Backheuser:

Proponho que o C. D. da A. B. E. manifeste publicamente seu applauso ao Dr. Euclides Roxo por haver corajosa e brilhantemente apprehendido a publicação de uma obra de mathematica pondo a sua didactica de accordo com a mais moderna e melhor orientação do ensino da disciplina.

Circulo de Paes e Professores em Natal

Da Associação de Professores de Natal, agremiação que no progressivo estado do norte realiza, sob a presidencia do illustre Dr. Amphiloquio Camara, o programma da A. B. E., recebemos a communicação de ter sido inaugurado no "Jardim da Infancia Aurea Barros" o primeiro Circulo de Paes e Professores. Perante numeroso auditorio presidido pelo Sr. Juvenal Lamartine, tomou a palavra o orador official da Associação de Professores, Dr. Manuel Varella de Albuquerque que explicou a finalidade do novo gremio e lembrou todo o trabalho já executado pela Associação em pról da causa educacional.

Por mais esta brilhante realização, a A. B. E. apresenta á Associação de Professores de Natal os seus agradecimentos e as suas felicitações.

Bibliothecas Rotativas do Espirito Santo.

Entre as varias realizações louvaveis da Reforma do Ensino Attilio Vivacqua no Estado do Espirito Santo, as Bibliothecas Rotativas figuram como elemento de alta valia para o desenvolvimento da cultura popular. Essa modalidade de diffundir conhecimentos geraes de literatura e sciencia, levando ás mãos do professorado, ás escolas e aos paes dos alumnos livros escolhidos sob uma orientação criteriosa, tão em voga principalmente nos Estados Unidos, têm alcançado no Espirito Santo optimos resultados.

Por proposta da Sra. D. Armanda Alvaro Alberto de Mendonça, a A. B. E. consignou em acta de uma das suas ultimas sessões um voto de louvor aos autores desta iniciativa que certamente muito contribuirá para a formação da nova mentalidade que Reforma Vivacqua visa criar no Estado.

Cia. de Viação e Saneamento

DIRECTORES

FLAVIO LYRA DA SILVA

e

ARTHUR CESAR DE ANDRADE

ENGENHEIROS CIVIS

Estudos, projectos e orçamentos.
Empreitadas, fiscalização e administração
de obras

Predios residenciaes e de renda.
Cimento armado, estradas, pontes, esgotos
e abastecimento de agua.

Rua da Assembléa, 48-2.º

TELEPHONE 2-3378